

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ANA CLARA BORGES DE LIMA BERRIEL

PROJETO PEQUENAS VITÓRIAS:

Uma alternativa criativa para o ensino do gênero crônica no Ensino Fundamental.

Rio de Janeiro

2021

ANA CLARA BORGES DE LIMA BERRIEL

PROJETO PEQUENAS VITÓRIAS:

Uma alternativa criativa para o ensino do gênero crônica no Ensino Fundamental.

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção de título de Licenciada em Letras Português/Latim.

Orientadora: Maria Fernanda Pereira Alvito de Souza Oliveira

Rio de Janeiro

2021

ANA CLARA BORGES DE LIMA BERRIEL

DRE: 115052348

PROJETO PEQUENAS VITÓRIAS:

Uma alternativa criativa para o ensino do gênero crônica no Ensino Fundamental.

Data de avaliação: 07/06/2021

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Fernanda Pereira Alvito de Souza Oliveira
Departamento de Didática – FE/UFRJ

NOTA: _____

Prof.^o Dr.^o Marcos Vinícius Scheffel
Departamento de Didática – FE/UFRJ

NOTA: _____

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores: _____

AGRADECIMENTOS

A Deus, antes de tudo, pois sem Ele nada seria possível.

À UFRJ por ter me permitido crescer como ser humano e conhecer pessoas incríveis que carrego no peito por todos os lugares.

À minha orientadora maravilhosa, paciente e, sem sombra de dúvida, a melhor professora que já tive. Por me permitir aprender e me fazer uma professora melhor que olha o aluno de forma diferenciada; pelas correções quilométricas em cada trabalho, em que cada correção me fazia evoluir de maneira diferente.

Aos meus avós que foram meus primeiros professores e me ensinaram a amar essa profissão.

À minha mãe que suportou e aguentou comigo todos esses anos com orações, choros e crises de ansiedades, e me disse que eu seria capaz de concluir.

Ao meu pai que sempre primou pelos meus estudos e nunca mediu esforços para que essa vitória fosse possível.

Ao meu irmão e cunhada que sempre que possível me buscavam na faculdade e se fizeram presente, do início ao fim.

Às minhas amigas, Isabelle e Mirian que diziam sempre: “Todo acontecimento é uma oportunidade de crescimento”.

Às minhas amigas de alma, Izis, Camila e Thainá que permaneceram comigo em correção mútua de trabalhos acadêmicos e erros de vida e tornaram-se parte de quem sou.

Ao meu latinista preferido no mundo, Caio, que é a pessoa mais inteligente que eu conheço e que passou junto comigo os piores perrengues do latim e grego sem titubear.

À minha parceira de estágio, porque sem ela eu não ficaria tão empolgada com esse projeto, pois não teria com quem dividir a paixão pelo futebol, Ana Eliza.

A todos os meus amigos e familiares que de forma direta ou indireta contribuíram para que eu chegasse ao final dessa longa jornada e me ajudaram a conseguir superar cada etapa difícil. Obrigada, vocês todos fazem parte da minha história.

RESUMO EM LÍNGUA PORTUGUESA

O Projeto Pequenas Vitórias é um projeto criado pelo professor regente de português do Colégio Aplicação da UFRJ e aplicado em duas turmas de oitavo ano. Esse projeto surgiu como uma oportunidade de unir o ensino de português e educação física, porém foi muito mais que um projeto interdisciplinar. Era um projeto que envolvia aprendizados extras curriculares em relação a vida cotidiana dos seres humanos – como a derrota e o fracasso. Além disso o projeto também pretendia ampliar os conhecimentos a cerca de um gênero discursivo: a crônica. O projeto foi modificando suas etapas de acordo com a necessidade que era percebida pelos estagiários e professores. Todas as etapas estavam intimamente ligadas com o tema futebolístico e nem todas tiveram o êxito esperado.

O presente trabalho monográfico é um relato reflexivo do conhecimento adquirido pela autora no ano em que foi estagiária na turma de oitavo ano cujo projeto foi desenvolvido. Ele tem como objetivo construir considerações sobre o planejamento e suas etapas ao longo do processo e sobre as contribuições dessa experiência para a formação profissional docente da mesma.

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGUEIRA

Pequenas Vitórias Project was a project created by the Portuguese teacher of the Colégio Aplicação da UFRJ and applied in two 8th grade classes. This project came out as an opportunity to put together the teaching of Portuguese and Physical Education, but it was much more than an interdisciplinary project. It was a project that dealt with that not a lesson that did not belong to the students' syllabus, but something would be very important for the whole their lives: how to deal with defeats. The project was modifying its stages according to the necessity noticed by the interns and teachers. All steps were closely linked to the soccer theme and not all of them had the expected success.

The present monographic is a reflective account of the knowledge acquired by the author in your year been an intern whose Project was developed. It aims to build considerations on planning and its stages throughout the process and the contributions of this experience to the professional training of teachers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. CRÔNICA: Origem e características.....	10
2. FASE 1 DO PROJETO PEQUENAS VITÓRIAS: Concentração.....	12
3. FASE 2 DO PROJETO PEQUENAS VITÓRIAS: Aquecimento.....	16
4. FASE 3 DO PROJETO PEQUENAS VITÓRIAS: Preleção do Técnico.....	17
4.1 Aula-debate feminina.....	19
4.2 Aula E-sports.....	20
4.3 Aula predicativo do objeto.....	20
5. FASE 4 DO PROJETO PEQUENAS VITÓRIAS: Primeiro Tempo.....	22
5.1 A dificuldade de se trabalhar com interdisciplinariedade.....	22
5.2 Abuso de autoridade e suas consequências.....	23
6. FASE 5 DO PROJETO PEQUENAS VITÓRIAS: Intervalo.....	24
7. FASE 6 DO PROJETO PEQUENAS VITÓRIAS: Segundo Tempo.....	25
8. FASE 7 DO PROJETO PEQUENAS VITÓRIAS: Prorrogação.....	26
9. CONCLUSÃO.....	26
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28
11. LISTA DE ANEXOS.....	30

INTRODUÇÃO

O Projeto Pequenas Vitórias surgiu pela necessidade, sentida pelo professor regente, de ensinar os alunos a como lidar com perdas. Em um tradicional campeonato de handebol que acontece todos os anos no colégio, a turma em que eu fazia estágio acabou perdendo o jogo final, essa derrota desencadeou uma série de brigas entre as duas turmas. Agressões não só verbais, constantemente cometidas, e agressões físicas começaram a ser especuladas por ambas as turmas. Portanto, surgiu a vontade de criar um projeto para trabalhar com os alunos a temática da derrota, da falha, em que pudessem estimular a reflexão deles que mesmo em uma derrota ainda existem pequenas coisas a serem celebradas, as pequenas vitórias. Era um projeto que lidava não com uma lição que não pertencia ao conteúdo programático dos alunos, mas seria muito importante para toda a vida deles, a de como lidar com as derrotas.

Importante citar, também, que o presente trabalho funciona como uma pesquisa qualitativa e interpretativa que foi baseado na memória da autora e em relatos escritos pela própria e por seus colegas durante o estágio. No início tínhamos um embasamento teórico apresentado a nós durante nosso período discente, porém ele não era suficiente dava conta de todos os embates que teríamos durante a prática, a teoria apresentada aqui veio para iluminar e fundamentar as ideias aplicadas durante o Projeto.

O PPV é um relato de experiências que conduziu o período de estágio de três licenciandos que tinham muitas dúvidas sobre a docência e sobre o ser educador e nos guiou para mais perto da realidade de professor que almejávamos ser. Durante o ciclo de educação estudado na faculdade, as matérias não conseguem abranger todos os desafios enfrentados pelos docentes uma vez que a cada dia os desafios se renovam. É quase impossível que uma disciplina consiga englobar a dimensão total do que é uma sala de aula.

Revisar um projeto depois de já aplicado e fazer um balanço quanto ao seu desempenho pode melhorá-lo e por ser um projeto que me acrescentou muito profissionalmente e pessoalmente, senti o desejo de analisá-lo mais a fundo. Analisar cada fase e seus pontos separadamente para que se pudesse repensar determinadas etapas e notar o que de fato funcionou, por que funcionou e de que maneira pode ficar melhor. Inclusive como uma forma de registro para que possa ser usado de base para a produção de outros projetos, durante minha vida profissional.

O detalhe que é deixado de lado pelo texto jornalístico e exaltado pela crônica foi batizado por nós de “pequena vitória”. Em uma definição mais precisa, “pequena vitória” é um momento de pequena e momentânea alegria ou glória que podemos ter, mesmo em uma situação adversa. As pequenas vitórias não têm espaço nas capas de jornais ou nas grandes histórias sobre gente importante.

No bimestre anterior, o professor regente já havia feito com as turmas de 8º ano um projeto literário, o Projeto Conto, que era sobre contos de terror. Os alunos já estavam familiarizados com o formato de projeto, portanto, o Projeto Pequenas Vitórias surge para dar uma continuidade de ensino e relação entre o professor, parte mais experiente e as suas turmas, parte da qual se espera um amadurecimento em diversas áreas, incluindo a área sobre relacionamentos interpessoais.

O projeto tinha objetivos ambiciosos, que consistiam no desenvolvimento pessoal e grupal dos estudantes das duas turmas, em conjunto com o ensino mais teórico do gênero crônica utilizando leituras, debates, experiências esportivas prévias dos alunos, escritas, reflexões e reescritas.

Após algumas semanas, o grupo de licenciandos e professor regente tiveram a ideia de unir o ensino de crônica em conjunto com a matéria de educação física, aproveitado o momento da Copa do Mundo de 2018, em que os alunos se encontravam eufóricos e animados com a ideia do hexacampeonato brasileiro. A ideia concretizou-se como um projeto de crônicas esportivas. No qual, seria trabalhada uma sequência didática toda voltada para o lado esportivo, preparando os alunos para o *grandfinale* que seria um jogo de vôlei e a escrita da crônica final.

Para fins de esclarecimento, uma sequência didática “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (Dolz, Noverraz&Schneuwly, p. 96) que tem como objetivo “ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (Dolz, Noverraz&Schneuwly, p. 97) a qual o aluno ainda não tem maestria sobre.

Apesar da proposta de Dolz e Schneuwly não misturar o ensino de gênero literário com gramática, fizemos essa junção por achar que esse método favorece o aprendizado. Não adianta ensinarmos a gramática pura sem ensinar seus efetivos usos em textos literários.

Possenti (1996, p. 55) vai nos dizer que não é lógico ensinar nomenclaturas para quem não dominou com clareza a utilização corrente da língua.

Luft (1993) diz que o estudo e a memorização de regras não ajudam os educandos a desenvolver a comunicação verbal e que, nas aulas de português, estes deveriam ter vivência criativa com a língua por meio da leitura, da análise, da interpretação e da produção constante de textos.

Por essa razão, um ensino combinado de gênero discursivo mais gramática poderia ter um resultado mais eficiente no lugar e um ensino separado de dois objetos da mesma disciplina. Não há critério de importância entre esses dois objetos.

Apesar de termos encontrado muitas dificuldades para conseguir esse ensino unificado de forma leve e que não parecesse com um método tradicional, tentamos ao máximo. Porém, em determinadas fases do projeto não conseguimos fazê-lo.

1. CRÔNICA: Origem e características

A palavra crônica vem do grego “khronós”, que significa tempo, do latim crhonos. Os romanos adotaram a palavra “chronica” para designar uma sequência de acontecimentos ordenados cronologicamente. A crônica é uma das principais portas de entrada na literatura brasileira não apenas por ser um dos gêneros mais ricos, com mais formas de se escrever, mas também por ter uma linguagem mais coloquial e por tratar de assuntos cotidianos.

Apesar da complexidade de se trabalhar com a transposição da modalidade oral para a escrita literária dentro da escola, de todos os gêneros literários, a crônica é o que mais aproxima os dois. Como supracitado, existem inúmeras formas de se escrever uma crônica. E isso, a torna o texto perfeito para iniciar os alunos nos estudos de gêneros discursivos.

Por volta do século XIX, a crônica começou a ser amplamente difundida pelo Brasil e foi agregando características tipicamente brasileiras em seu formato. Foi e é, até hoje, muito usada em registros jornalísticos. Naquela época, Machado de Assis definiu que a principal marca das crônicas era “tratar de cousas ínfimas”, já para Marcuschi (2002), o gênero crônica se define como: “textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.”

Essa definição de “cousas ínfimas” de Machado nos levou a crer que o projeto iria pelo caminho certo por se tratar de pequenas vitórias, ou, melhor, de enxergar as pequenas vitórias dentro de um espectro maior. Esse traço característico da crônica de ser a coisa pequena, que se esconde no detalhe, aproxima o tema escolhido do próprio gênero que será trabalhado. Foi feita uma composição entre os três aspectos do gênero de discurso apresentados por Bakhtin:

“Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico.” (Bakhtin, 2000, p. 284)

Por acreditar numa educação na qual se aprende muito quando se diverte a crônica com sua simplicidade, graciosidade e brevidade é um caminho mais tranquilo para mostrar de modo completo vários atos e sentimentos. Existem diversas maneiras de se escrever uma crônica, ela pode representar um turbilhão de situações como a conversa de colegas num bar, ela pode vir em formato de carta e pode servir como denúncia de assédio sexual de mulheres em transportes públicos. A crônica pode contar dos assuntos mais sem importância até os mais graves. E isso, tornava-a o gênero textual perfeito para levarmos os alunos a uma reflexão sobre suas atitudes, dentro e fora do ambiente escolar.

Apesar de toda sua simplicidade, não significa que a crônica é um gênero pobre que não contém requisito estrutural. A crônica busca sempre uma aproximação entre o leitor e o autor, uma linguagem mais coloquial como se fossem íntimos, parentes próximos, amigos. Isso é o que a torna acessível para o público.

Os cronistas buscam que seus leitores reflitam por um momento em coisas triviais e relativas ao dia-a-dia de modo suave, ora sendo levados por uma veia humorística, ora por uma veia irônica ou mais sensível, mas sempre com os pés no chão do cotidiano. Aqui, contrariando Machado de Assis, podemos dizer que o cronista é aquele que dá conta de pequenos e grandes acontecimentos do cotidiano.

Para Bezerra (2002), o trabalho com gêneros textuais na sala de aula favorece a aprendizagem da oralidade, leitura e escrita de textos diversos, com funções específicas, visto que a orientação do professor não será mais a de considerar apenas o aspecto formal do texto escrito, mas o de proporcionar o uso efetivo de texto por parte dos alunos, abrindo-lhes

oportunidades de se desenvolverem como cidadãos de uma sociedade letrada. Assim, a leitura e a escrita não serão apenas práticas escolarizadas e separadas.

2. FASE 1 DO PROJETO PEQUENAS VITÓRIAS: Concentração

Para dar início ao Projeto, criou-se uma sequência didática, dividida em módulos e etapas que abordaram os aspectos mais relevantes para a compreensão e produção do gênero textual crônica; e depois foi apresentada aos alunos em uma sequência de aulas, a saber: apresentação da situação e conhecimento do gênero; um sarau literário, considerado como produção inicial oral; módulos de trabalho gramatical em conjunto com o ensino de gênero; jogo; análise de relatórios e produção final.

Esse era o modelo que tínhamos em mente, mas conforme as aulas transcorriam verificamos que os alunos não corresponderam ao progresso que era esperado e precisamos fazer alterações em nossa proposta inicial.

Como desejávamos entrar de cabeça no mundo esportivo organizamos as etapas de acordo com os tempos do futebol: Etapa 1 – Concentração; Etapa 2 – Aquecimento; Etapa 3 – Preleção do técnico; Etapa 4 – Primeiro Tempo; Etapa 5 – Melhores Momentos; Etapa 6 – Intervalo; Etapa 7 – Segundo Tempo e Etapa 8 – Prorrogação.

Neste primeiro momento, os alunos começam a tomar contato com os textos escolhidos, sempre do gênero crônica esportiva. O projeto era composto por uma reunião dessas crônicas, escolhidas pelo professor regente e licenciandos. Os conteúdos gramaticais seriam inseridos aos poucos e articulados nas crônicas.

A primeira fase consistia em uma apresentação de como funcionaria o projeto e na leitura do gênero literário em questão e discussão dos temas abordados por ele.¹

Durante a primeira aula do projeto, começamos perguntando aos alunos se eles conheciam e o que eles sabiam sobre esse gênero textual: se já tinham lido ou ouvido, se já tinham escrito e logo em seguida foi apresentada a primeira crônica e, após a leitura, foi dada aos alunos a oportunidade de expressarem o seu entendimento e sentimento sobre a crônica

¹ Todas as crônicas estão listadas e anexadas no documento

lida. Depois da larga discussão e massiva participação, alguns exercícios de interpretação foram pedidos. A crônica escolhida foi a de Nelson Rodrigues, *Vestido de Fogo*².

A crônica escolhida fala sobre a delegação do Manchester United que encantava o mundo nos anos 1950 foi devastado pelo acidente aéreo de 6 de fevereiro de 1958. Após a partida da equipe inglesa contra o Estrela Vermelha de Belgrado, pelas quartas de final da Liga dos Campeões da Uefa, o voo que regressava para a Inglaterra acabou abatido por uma tempestade de neve quando tentava decolar pela terceira vez do Aeroporto de Munique. Houve 23 mortos na delegação, entre eles oito jogadores, como Tommy Taylor, o homenageado pelo autor na crônica.

Alguns alunos ficaram impressionados e emocionados com a crônica por conta de seu conteúdo. Um dos alunos comentou sobre ter ido ao Museu Nacional do Futebol em Manchester City, e sobre como a memória sobre esse acidente é viva lá. Outros alunos comentaram sobre a crônica ser igual à notícia.

As aulas foram se alterando conforme as aulas do Projeto iam seguindo. E apesar de não ter havido uma escrita inicial de uma crônica como sugere a proposta sobre sequências didáticas de Dolz e Schneuwly, os alunos entenderam a crônica como um texto jornalístico, que tinha a função de transmitir uma notícia. Não era esperado que os alunos fizessem confusão entre a crônica e a notícia, pois esse era um gênero literário já apresentado a eles nos anos anteriores.

É importante ressaltar que, para a escola deste texto contribuiu o fato de que o projeto anterior do trimestre anterior, a que já nos referimos, tenha sido contos de terror. Justamente por isso, a primeira crônica escolhida foi uma que tivesse algo mais fúnebre, a fim de estabelecer uma ponte entre o antigo conteúdo e o novo conteúdo.

Durante a discussão sobre a crônica, os alunos ficaram confusos em relação ao que seria crônica e o que seria notícia, e o porquê da crônica não ser uma notícia. Então, foi acrescentada no cronograma uma atividade de diferenciação entre os dois gêneros. Dedicamos, então, um tempo de aula para essa atividade. Trouxemos a primeira crônica de volta, e a notícia do jornal. Lemos as duas e pedimos para os alunos identificarem as diferenças e fomos expondo-as no quadro. No final da aula, os alunos chegaram a conclusão por eles mesmos que a crônica tinha duas histórias simultâneas, a primária e a secundária.

² Crônica anexada no final desse trabalho

A história primária de uma crônica é sempre o pequeno detalhe dentro de um espectro maior, a história secundária. Neste momento, os alunos identificaram como história principal o jogador que foi “vestido de fogo”, que recebe a atenção na crônica de Nelson Rodrigues, e como história secundária o acidente do avião da delegação do Manchester.

Os alunos durante a atividade de diferenciação tiveram alguns insights de memória que os levaram a uma retomada de conteúdo, visto que já era um conteúdo conhecido e dominado pela turma de forma geral. Mas notou-se que não era da preocupação deles a reflexão sobre esses gêneros que circulam à sua volta. A atividade, não programada, fez uma recapitulação desse conhecimento de uso. Mais adiante, no projeto vimos o resultado da ampliação de conhecimentos prévios deles, no planejamento da escrita que se deu com mais consciência do gênero que teve a definição mais apurada na cabeça deles por eles mesmos.

A recepção dos alunos, embora calorosa e eufórica por se tratar de futebol, foi diferente da esperada por nós. Acreditávamos que toda a turma iria participar, porém, não foi assim. A participação majoritária foi de alunos do sexo masculino, o que também nos fez alterar o planejamento, como em outro capítulo comentaremos detidamente.

Houve, também, entre os alunos, algumas falas sexistas sobre as meninas não poderem expressar a opinião delas sobre o assunto porque segundo alguns alunos “elas não entendiam sobre futebol”, “futebol não era coisa de mulher” e “elas não entendiam como esse acidente foi terrível pra comunidade futebolística”.

Essas falas geraram um desânimo na parcela feminina da turma, porém, elas não foram as únicas afetadas. Existiam também dentro da turma os alunos adeptos dos *E-Sports*³, que igualmente se desinteressaram a partir dessas falas.

Durante a apresentação da segunda crônica, *O Botafoguense*⁴, também de Nelson Rodrigues, porém com um conteúdo mais humorístico e leve para fazermos a transição dos conteúdos, inserimos a introdução do primeiro conteúdo gramatical, os verbos.

A introdução do conteúdo sobre verbos e foi feita dentro do modelo tradicional de ensino com frases da própria crônica. Os exercícios passados eram de análise de tempo verbal. Conduzimos a aula mostrando como os tempos verbais eram utilizados no texto, e os exercícios foram de interpretação de texto e mais alguns gramaticais, buscando que os alunos

³ E-sports: *Eletronic Sports*. Tradução: Esportes Eletrônicos

⁴ Crônica anexada no final desse trabalho

se atentassem a forma como os tempos verbais eram utilizados pelo autor para dar a ideia de passado, futuro ou presente no texto. Tentávamos encaixar o conceito das pequenas vitórias nos exercícios para que na hora da fase 4 do projeto, o jogo, eles captassem não só a essência do esporte, mas também a essência do gênero em que precisariam escrever seus textos.

Durante as aulas do projeto, assim como no anterior, as aulas em que tínhamos que apresentar um novo conteúdo gramatical eram mais turbulentas. A classe dispersava a atenção com mais facilidade. Nós os licenciandos pensávamos em uma forma de chamar a atenção dos alunos, mas uma parte muito pequena que se mostrava interessada no conteúdo gramatical.

Em uma determinada aula, houve um embate entre o professor regente e um aluno. Foi um episódio duro. Houve indisciplina do aluno e excessos do professor. Essa relação professor-aluno é sempre entremeada por animosidades e conflitos. Diante de tantos desconfortos pedagógicos, houve alguns impasses: Entender ou repreender? Orientar ou ignorar? Como repreender?

Essas questões foram postas em xeque pelo grupo de estágio em nosso ano como estagiário. Perguntávamos como nós, futuros professores, lidaríamos com essas questões. Não somente durante as reuniões semanais que aconteciam com o professor regente, mas durante nossas aulas de didática e em grupos de estudos formados por alunos de didáticas de outros idiomas. Não acreditamos na figura de professores, baseada no senso comum, na qual diz que ser professor é apropriar-se de um conteúdo e apresentá-lo aos alunos em sala de aula. Pensamos ser necessário mudar essa visão para que uma nova relação entre professores e alunos comece a existir dentro das escolas.

Para tanto, é preciso compreender que a tarefa docente tem um papel social e político, e que no momento atual, embora haja quem defenda a neutralidade como um valor no ensino, acreditamos que o professor precisa ter uma postura crítica em relação a sua atuação.

Na continuação da etapa 1 do projeto, apresentamos uma crônica que gerou conflitos em sala de aula. Alguns alunos se recusaram, por motivos religiosos, a executar a atividade e até mesmo a prestar atenção na aula pelo conteúdo que supunham, a partir do título, na crônica de Luiz Antônio Simas, *Seu Tranca Rua, Zagueiro da Seleção*⁵.

⁵ Crônica anexada no final desse trabalho

Como o conteúdo precisava ser dado a todos os alunos, pedimos aos alunos que se recusaram a participar da aula que escrevessem um texto explicando o porquê da não realização da atividade proposta, para que eles pudessem fazer algum exercício e nós tivéssemos tempo de pensar em uma atividade que abrangesse a todos.

No texto feito pelos alunos, eles citaram o fato de “estarem ali na escola para ter aulas de português e não de religião”. Essa frase nos levou a refletir sobre o conteúdo da atividade proposta. Se realmente estaríamos, de certa forma, impondo coisas além do que podíamos.

Em reunião do professor com os licenciandos, colocamos em xeque a questão de até que ponto um aluno pode se recusar a fazer uma atividade porque, de alguma forma, fere seus princípios, sejam eles morais ou religiosos. Foi colocado em pauta a questão dos alunos possuírem suas próprias convicções e como o professor precisa fazer alguns malabarismos dentro de sala de aula para conseguir abranger a todos.

Além disso, foi amplamente discutido sobre a importância de ensinar os alunos a lidar com as diferenças, sejam elas quais forem; a importância de se estimular a tolerância religiosa, visando também o momento nos encontramos como sociedade.

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde do Ambiente Escolar de 2015, publicada em 2016 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), quase 5% dos estudantes do ensino fundamental disseram ter sido vítimas de bullying na escola e apontaram sua religião como motivo. A intolerância religiosa perde apenas para o bullying físico (aparência e cor de pele).

A crônica de Luiz Antônio Simas era também a introdução do conteúdo de transitividade verbal, e, com toda confusão que ela acarretou não conseguimos fazer essa introdução como esperávamos e então, acrescentamos ao cronograma uma reintrodução para depois da fase 2.

E a concentração dos jogadores chegou ao fim.

3. FASE 2 DO PROJETO PEQUENAS VITÓRIAS: Aquecimento

Na Etapa 2, foi feito o Sarau Pequenas Vitórias. O Sarau consistia em dar voz e oportunidade dos alunos contarem suas próprias pequenas vitórias. Uma espécie de crônica oral. Os alunos se empenharam em contar assuntos, até mesmo pessoais sobre suas vidas.

A turma inteira, inclusive os alunos que não costumam falar ou se expressar durante as aulas comentaram sobre suas experiências. Foi um momento lindo em que a turma chorou junto e o professor e os licenciandos também participaram. Não de uma forma tradicional professores > alunos, mas como se fossem amigos em uma roda de conversa e a relação se transformasse em professor = alunos.

Esse sarau possibilitou a criação da produção inicial, não de forma escrita, mas oral. Além disso, também gerou entre a turma e o professor uma relação de confiança que foi perceptível e de extrema importância para a continuidade do projeto.

Trabalhar com emoções e sentimentos como energia é um aprendizado para o educador e educando. Estudiosos como Henri Wallon, Jean Piaget e Lev Vygotsky falam sobre afetividade no processo de ensino-aprendizagem. Wallon (1978) diz que o processo de desenvolvimento oscila constantemente entre a afetividade e a inteligência, de maneira dialética, podendo até mesmo manifestar regressões.

A relação entre professor e aluno é fundamental para o processo ensino e aprendizagem em sala de aula, e nesta relação a afetividade pode influenciar esse processo de forma bastante significativa. Por este motivo, o sarau foi uma ferramenta chave para aproximar os alunos de nós e facilitar o trabalho por meio da afetividade.

O professor é o mediador entre o aluno e o conhecimento, nessa relação o aluno deve ter acesso a maior gama de conhecimento de forma que esse contato possa repercutir em sua vida futura, sendo assim, a relação de afetividade entre o aluno e o professor é muito relevante na construção do conhecimento para que essa elaboração aconteça de forma em alguma medida amigável, sem muitos traumas.

Conseguimos notar ao final da atividade que os alunos já faziam suas crônicas oralmente e já haviam internalizado os conceitos sobre o gênero. Importante citar que essa abertura de espaço de conversa entre os alunos fez com que a escrita de uma crônica, algo que parece tão grandioso aos olhos dos alunos, que é feito por grandes mestres da Literatura, fosse apresentado a eles como algo que se faz corriqueiramente. As histórias deles eram crônicas de suas vidas.

Ao final desse Sarau, expusemos como eles já tinham interiorizado o que era o gênero crônica, com tanta naturalidade, que o faziam oralmente sem nenhum problema. Com isso, os alunos se sentiram mais confiantes para escrever. Sabendo que eles já faziam suas

composições oralmente seria só transpor de uma modalidade para a outra e fazer os ajustes necessários.

E com os jogadores aquecidos e empolgados, chegamos ao fim do aquecimento.

4. FASE 3 DO PROJETO PEQUENAS VITÓRIAS: Preleção do Técnico

De volta à leitura das crônicas, neste momento, visamos trabalhar as estratégias e procedimentos linguísticos que cada texto apresenta, sempre nos perguntando como essa estratégia ou procedimento auxilia no processo de elevar um pequeno detalhe ao posto de uma pequena vitória.

Nesta parte do projeto, começamos também a pensar, juntamente com os alunos, como a pequena vitória é construída textualmente numa crônica. E introduzimos mais uma crônica de Luiz Antônio Simas, *A Maior Epopeia da História*⁶. Com exercícios de interpretação textual, alguns exercícios de gramática para que o conteúdo não caísse no esquecimento e ampla discussão sobre elementos literários e conteúdo da crônica.

Essa crônica é repleta de reviravoltas e cheia de momentos em que o leitor se surpreende com o azar dos jogadores de um time de bairro, comparando essa falta de sorte com grande epopeias da história, como as de Homero.

A identificação dos elementos literários ficava a cargo dos alunos, que precisavam fazê-lo oralmente a cada fim de leitura. Elementos como linguagem coloquial, vínculo com o cotidiano e aproximação com o leitor eram sempre apontados pela turma como as principais características definidoras de crônicas.

Na aula seguinte, seguimos com o conteúdo gramatical com uma nova forma de crônica, a crônica em formato de carta. Nós tentávamos a todo tempo unificar o ensino de gênero e o ensino da gramática, entretanto, muitas vezes esses conteúdos ficavam separados e pareciam avulsos no conteúdo.

Os desafios de unificar os dois conteúdos apareciam a cada novo conteúdo gramatical e muitas vezes não obtínhamos sucesso. E apenas usávamos algumas frases da crônica, e não frases inventadas, para que não ficassem completamente separados.

⁶ Anexada no final desse trabalho

Usamos a *Carta para eu mesma quando jovem*⁷, crônica da jogadora Marta porque dentre outros aspectos – como possivelmente aumentar o interesse da parcela feminina da turma no projeto – a progressão do texto abria portas para articularmos o conteúdo sobre transitividade verbal. E uma das atividades propostas era que os alunos escrevessem uma carta para eles mesmos quando mais jovens. Os resultados foram surpreendentes. Alguns surpreendentes para o mal.

No dia em que apresentamos essa crônica, dois alunos nos questionaram sobre mudarmos de crônica para carta sem uma explicação de estarmos fazendo aquilo. Tivemos, então que retomar as aulas iniciais sobre as múltiplas formas pelas quais uma crônica pode se apresentar, naquele momento, como carta.

Durante a realização da atividade, uma aluna relatou em sua carta que havia sofrido abuso em um transporte público a caminho do colégio. A carta que ela escreveu foi encaminhada para o setor de orientação pedagógica.

Semanalmente, o professor e seus licenciandos se reuniam para conversar e avaliar, não só o projeto, mas também, as aulas e o desenvolvimento da turma. Nessas reuniões eram colocados em discussão os acontecimentos da semana e procurávamos soluções para eles. No caso da aluna que sofreu um abuso, o Setor de Orientação Pedagógica nos orientou a conversar com a aluna, somente as licenciandas mulheres e, se fosse do desejo da aluna, conversar com seus pais posteriormente.

4.1 Aula-Debate Feminina

O PPV foi se modificando de acordo com a necessidade da turma. Conforme avaliado nas aulas, o assunto era mais interessante para alguns alunos do sexo masculino do que para as alunas do sexo feminino que, por vezes, sentiam-se excluídas do assunto, pelos seus colegas de classe. Diante desses desdobramentos, sentimos a necessidade de acrescentar um módulo a mais, a aula feminina.

Esse novo módulo foi pensado para que as meninas da turma participassem em peso da aula, aliás, essa era a aula delas. Uma semana antes da aula, colocamos em uma rede social um questionamento para mulheres. “Você, mulher, gosta de futebol? Se sim, já sofreu algum tipo de preconceito por gostar? Quais frases você ouvia?”

⁷ Anexada no final desse trabalho

A partir das respostas coletadas, elaboramos um texto de opinião, texto esse que o professor regente no dia da aula iria falar para a turma. O texto era recheado de machismo e preconceito sobre mulheres no futebol. No início as meninas se sentiram acuadas em relação às opiniões que o professor descarregava para turma, enquanto os meninos riam e debochavam da situação.

Não demorou muito tempo até que uma aluna se levantou e falou que era absurdo o que o professor falava. E então nós, licenciandas mulheres, tomamos a frente da turma para falar como previamente combinado com o professor regente. E assim, começamos uma discussão com as meninas, sobre como elas se sentiram sendo menosprezadas e tendo seu gosto diminuído. Por que os esportes físicos, principalmente o futebol, são menosprezados quando protagonizados por mulheres?

As perguntas desencadearam um debate em aula liderado pelos próprios alunos. Eles defendiam seus pontos com argumentos sólidos, réplicas e trélicas, muito bem organizados. E nós, professor e licenciandos, ficamos atônitos com a desenvoltura dos alunos quando se trata de um assunto de interesse deles; que não necessitavam da nossa interferência.

No início do ano letivo a turma não era muito aberta a discussões e o professor sempre buscava o debate e a estimulação do pensamento crítico dentro de sala de aula. Durante esse debate organizado por eles mesmos notamos um amadurecimento incrível da turma e especialmente de determinados alunos, que estavam mais confiantes em expor suas opiniões. Inclusive alunos que expuseram opiniões contrárias às de outros eram respeitados e as opiniões debatidas.

Ainda assim, sentíamos que existia uma parcela de alunos que não se integrava como os demais alunos. Uma parcela da turma estava sempre dispersa ou sonolenta durante as aulas.

4.2 Aula sobre os E-sports

Por sentir que ainda não tínhamos atingido todos os alunos da turma, optamos por fazer outra modificação necessária, a inserção de outras modalidades esportivas, como os e-sports (esportes eletrônicos). Assim, abrangeríamos os alunos sem contato com os esportes físicos.

Um dos licenciandos que também acompanhava a turma era fã de esportes eletrônicos e já tinha escrito uma crônica sobre um jogador de *League of Legends*⁸ que passou por uma tragédia familiar onde sua mãe foi morta e seu pai foi gravemente ferido pelo seu próprio irmão.

O conteúdo dessa aula e dessa crônica apesar de ter um alvo específico dentro da classe, não excluiu os outros de alunos de participarem. Muitos até se interessaram pelo jogo que era discriminado por parcela da turma por ser um jogo de computador, considerado por eles como coisa de “nerd”⁹. A crônica era escrita por um colega estagiário *Um monstro em Summoners Rift*¹⁰.

Todos esses módulos geravam debates entre os alunos da turma, tendo o professor regente ou o licenciando, condutor da aula, como mediador deles. Seguido por exercícios de interpretação de texto e gramaticais.

Como sempre estimulávamos o debate verbal entre os alunos da classe por pensar que saber demonstrar suas ideias e posicionamentos sem agredir o outro é muito importante. A capacidade de argumentação, de convencimento ou oposição não dependem apenas da opinião formada — também é necessário saber se expressar de forma clara e precisa. Para isso, é fundamental desenvolver a oratória, com uma boa dicção, tranquilidade e transparência. Dessa forma trabalhávamos não apenas o gênero discurso, mas também a oralidade em situações públicas, o que contribuiria para outros trabalhos, em que os gêneros orais como o próprio debate, a entrevista e outros pudessem ser objeto de trabalho mais sistemático como nesse caso era a crônica.

Além de tudo, o debate aproximava os alunos de nós, demonstrando a todos que as opiniões deles não seriam desmerecidas ou descartadas, mas sim, ouvidas e analisadas.

Para Paulo Freire (2005, p. 91) o diálogo é um instrumento de suma importância na constituição dos indivíduos. No entanto, ele também defende a ideia de que a prática educativa dialógica por parte dos educadores só é possível se os educadores acreditarem no diálogo como um fenômeno capaz de mobilizar a capacidade de reflexão.

⁸ Jogo eletrônico online gratuito, do gênero batalha multijogador, desenvolvido e publicado pela Riot Games em 2009.

⁹ a palavra nerd é usada como gíria para descrever uma pessoa impopular, que se interessa por jogos eletrônicos, normalmente muito tímida que não possui muito amigos.

¹⁰ Crônica anexada no final desse trabalho

Ou seja, quanto mais o professor compreender o diálogo como postura necessária em aula, mais irá alavancar sua relação com a turma, porque dessa maneira, o alunado se sentiria mais próximo daquele que possui o maior conhecimento. Quando o professor trabalha desta maneira, ele não é só quem tem conhecimento e o transmite. Ele é o meio. É a ponte que liga o aluno com novos domínios da produção cultural e científica, estimulando sua capacidade de reflexão e seu pensamento crítico sobre os assuntos trabalhados em sala.

Nessa aula, utilizamos essa crônica inserida no contexto de pequenas vitórias e depois reintroduzimos o conteúdo de transitividade verbal que havia ficado obscuro para a turma.

Durante todo o projeto, nós percebemos a dificuldade de traçar um plano fechado com um cronograma apertado. Ao longo do projeto precisamos encaixar até conteúdos que não estavam previstos dentro do período vigente do projeto, mas como houve muitas mudanças e acréscimos de módulos durante a sua execução precisamos incluir dentro do cronograma outras crônicas que usamos como gancho para o conteúdo gramatical.

4.3 Aula sobre Predicativo Do Objeto

Um dos conteúdos que não estava programado para ser apresentado dentro do projeto era o predicativo do objeto. Mas com as dificuldades que encontramos pelo caminho acabamos inserindo-o dentro do cronograma para não atrasarmos o conteúdo programático.

Essa aula foi toda dada pelos licenciandos sem participação do professor regente. Por orientação do professor, começamos a aula com a leitura da crônica e discussão sobre ela e a pequena vitória nela contida. Usamos a crônica *O Cão que driblou Garrincha*¹¹ para essa aula por ter os melhores exemplos de verbos de opinião, como os alunos chamaram.

O texto selecionado saiu da seleção do professor regente, um texto literário não deve ser usado apenas como pretexto para exercícios gramaticais, em determinados momentos é necessário conciliar os objetivos. Esse texto nos permitia trabalhar de forma privilegiada o conteúdo gramatical e também o gênero discursivo.

Após a leitura iniciamos uma conversa com os alunos e algumas frases retiradas das falas deles foram expostas no quadro. Ali, as frases eram analisadas sintaticamente em conjunto com a turma até que eles não conseguiram identificar o que era o termo depois do objeto. Neste momento, nós entregamos a folha que continha a exposição gramatical sobre do

¹¹ Crônica anexada no final do documento

predicativo do objeto. Nesse material, além da explicação, havia exemplos e sugestões sobre como identificar o componente e fazer a diferenciação entre predicativo do sujeito e predicativo do objeto.

Nós, licenciandos, em reunião com o professor regente comentamos sobre a aula e demonstramos a nossa insatisfação, pois parecia que os alunos não tinham absorvido o conteúdo tão bem quanto esperávamos. Entretanto, nos surpreendemos quando o período de avaliações finais chegou e uma parcela mínima da turma não conseguiu absorver o conteúdo.

Após todo esse caminho percorrido, o técnico termina sua escolha. E os jogadores estão prontos para o primeiro tempo.

5. FASE 4 DO PROJETO PEQUENAS VITÓRIAS: Primeiro Tempo

Essa fase do projeto consistia na disputa do jogo. A ideia era que fosse disputado o futebol, porém o conteúdo da disciplina de Educação Física não podia ser repetido. Os jogos eram divididos por gênero. Primeiro o campeonato masculino entre as séries 18A e 18B e posteriormente o campeonato feminino entre as duas turmas também. Os jogos aconteceram como um verdadeiro campeonato mundial.

5.1 A dificuldade de se trabalhar com interdisciplinaridade

Nosso plano era que o ensino das disciplinas fosse unificado desde o início, mas muitas dificuldades foram encontradas em trabalhar com a interdisciplinaridade. A interdisciplinaridade ganhou força com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Nestes parâmetros a prática do professor deve ter como eixos principais de estruturação a interdisciplinaridade, juntamente com a contextualização.

Apesar de ser constantemente difundida como a melhor opção de ensino, não é fácil trabalhar a interdisciplinaridade. Nem mesmo os PCN nos indicam uma forma de como trabalhar com ela em classe. Por essa razão, encontramos diversas dificuldades com a união dos conteúdos, além de não termos tido tempo de qualidade de sentar com o professor de educação física e procurar estratégias para que essa interdisciplinaridade fosse efetuada com sucesso.

5.2 Abuso de autoridade e suas consequências

O jogo entre as séries gerou diversos conflitos, inclusive um episódio de desrespeito entre professor e aluno.

Aconteceu que já no final do jogo, o professor ouviu um aluno xingar um colega de forma muito agressiva. O professor não gostou da atitude do aluno e se excedeu ao gritar com ele na frente de alunos de outras turmas. Essa atitude gerou um constrangimento para o aluno que ao final do dia externou isso para os colegas e para alguns licenciandos. O aluno explicou para os licenciandos que era um tipo de brincadeira entre os eles e que não tinha motivo para o professor ter se ofendido, visto que não era com ele.

Os alunos da turma se uniram contra o professor pelo que aconteceu com o colega e organizaram um boicote à aula e um abaixo-assinado contra o professor. Eles queriam que o professor de português fosse substituído por outro que desse continuidade ao projeto porque eles se sentiram ofendidos pelo professor em empatia ao colega de classe.

Essa confusão durou uma semana. Precisamos entrar em contato com o Departamento de Assistência Estudantil (DAE) do colégio para ver qual seria a melhor solução para esse problema. Ao final da semana, os alunos exigiram que o professor fizesse um pedido formal de desculpas para a turma.

O episódio afetou as fases finais do projeto na turma em que houve o conflito. Os alunos ficaram totalmente desmotivados a continuar suas crônicas, alguns usaram o episódio para escreverem sobre.

Como já comentado em outros capítulos a relação professor-aluno é um fator crucial para que o aprendizado seja melhor para o aluno. E por sermos humanos, cometemos erros, muitas vezes não propositais.

Segundo Arendt (1972/2001), autoridade é tudo que faz com que as pessoas obedeçam. Porém, o modo como o professor exerce a sua autoridade em sala - se de forma autoritária ou liberal – é essencial para que o professor estabeleça uma situação de disciplina em sua turma. Entretanto, a autoridade vem sendo confundida nas escolas com o autoritarismo. Ter autoridade, nesse segundo sentido é o mesmo que ser um ditador autoritário que não deixa os alunos à vontade para se expressarem sobre seus pensamentos e sentimentos.

Por tudo que vivenciei dentro da turma como licencianda, acredito que o erro cometido pelo professor não foi intencional. Ele havia construído com as duas turmas uma relação muito boa de amizade e confiança. E será que um deslize apagaria todo um ano de amizade e boa relação conquistada? Apesar de saber que todas as pessoas estão sujeitas ao erro, será que um erro cometido pelo que seria o lado mais forte é injustificável ou imperdoável? Não sei quais as respostas para essas questões, mas são fontes de inesgotáveis dúvidas e reflexões para nós docentes.

É extremamente essencial afirmar que, apesar de ser uma forma de poder, a autoridade não pode e nem deve ser confundida com autoritarismo. Seu uso abusivo por intermédio de repreensões faz com que o professor conquiste uma falsa obediência, ou até mesmo uma obediência por intermédio do medo, que não contribui positivamente na sua vida docente.

E o juiz apita o fim do primeiro tempo.

6. FASE 5 DO PROJETO PEQUENAS VITÓRIAS: Melhores Momentos

Simultaneamente ao jogo, aconteciam as tomadas de notas pelos alunos que não estavam participando efetivamente do jogo. Essa atividade era obrigatória. Era importante que eles anotassem os mínimos detalhes, cada sutileza ou percalço que acontecesse no pré, durante e pós jogo.

Esse era o momento em que a produção final começava. Os alunos poderiam anotar da forma que lhes fosse melhor. Poderia ser uma lista de acontecimentos, ou em texto corrido, mas precisavam fazer as anotações. As anotações dos alunos seriam essenciais para a escrita da crônica.

E assim, entramos no intervalo. Hora dos jogadores se reunirem no intervalo.

7. FASE 6 DO PROJETO PEQUENAS VITÓRIAS: Intervalo

Após os jogos, era hora de escolher sobre qual pequena vitória os alunos iriam escrever. A turma deveria se dividir em duplas e compartilhar suas anotações uns com suas respectivas duplas.

A escolha por fazer a crônica em duplas se deu para que se estimulasse o trabalho em equipe, uma vez que a atividade grupal possibilita o desenvolvimento de habilidades essenciais como decidir, debater, respeitar e autoavaliar.

Para Vygotsky (1989), “a construção do conhecimento implica em uma ação partilhada, exigindo uma cooperação e troca de informações mútuas, com conseqüente ampliação das capacidades individuais”. Ele diz que as vantagens de se trabalhar em grupo não se comparam às vantagens das atividades que se apresentam em um ensino individual.

Durante as atividades em equipe, os alunos constroem coletivamente o seu aprendizado, e esse aprendizado coletivo proporciona uma troca de experiências mais rica entre os alunos. Além disso, também é uma forma de desenvolver a qualidade de ouvir e respeitar opiniões diferentes.

Como o trabalho em grupo proporciona situações em que o estudante terá que lidar com diferentes situações, boas e ruins, acreditamos que o melhor caminho para os fins para os quais o projeto foi criado era pelo trabalho em equipe. Essa experiência foi fundamental para o resultado final em que tivemos o mesmo momento sendo observado de diferentes ângulos e descrito na visão de diferentes pessoas, sendo um único trabalho.

Fim do intervalo. Vamos ao segundo tempo.

8. FASE 7 DO PROJETOS PEQUENAS VITÓRIAS: Segundo Tempo

Chegamos à parte mais importante do projeto. A escrita da produção final começa efetivamente. Os alunos separados com suas respectivas duplas começam a escrever. As aulas eram no laboratório de informática. As duplas se reuniam e escreviam suas crônicas. Foram dedicadas duas aulas, uma semana inteira dedicada apenas à escrita pelos alunos. Nós, professor e licenciandos, estivemos ali presentes para dar algum apoio ou ajudá-los em algo.

No processo de aprendizagem da escrita, os professores exercem a função de mediadores, mais do que corrigir, o papel do docente é o de orientação do aluno para organizar seu texto.

Geraldi (1993), vai nos apontar para a importância de desenvolver uma atividade prévia antes da produção da escrita, seja ela um estudo prévio sobre o gênero, uma leitura, uma produção inicial – não necessariamente escrita, como foi no caso do PPV, uma produção inicial oral – sem a cobrança o docente consegue abrir os horizontes dos alunos na questão escrita, não tornando-a um bicho de sete cabeças. Contrariamente, se o aluno não participa de nenhuma atividade prévia antes da produção final, as dificuldades no momento da produção, são muito elevadas.

9. FASE 8 DO PROJETO PEQUENAS VITÓRIA: Prorrogação.

Para encerrar o ciclo dessa sequência didática, seria feita com participação da turma, uma tarde de autógrafos do livro “Pequenas Vitórias – crônicas esportivas” que contém todas as produções finais dos alunos.

O colégio tem a cada trimestre uma feira de literatura, cada turma apresenta algo relacionado ao conteúdo estudado no trimestre. A apresentação pode ser qualquer manifestação artística ou outra manifestação escolhida pelos alunos em conjunto com o professor.

Os alunos, como autores das crônicas, estariam autografando o livro para seus amigos e familiares. Livro este, que foi feito pelos próprios alunos com a supervisão dos professores. A escolha da capa foi feita por meio de um concurso de arte, no qual os alunos desenharam e a turma votou no desenho que foi escolhido para ser a capa do livro. Depois de todos os detalhes acertados, os pais foram convidados a participar do lançamento do livro de seus filhos.

Como sugere a proposta de sequências didáticas, é importante que haja uma finalização do projeto com a turma e que os alunos enxerguem seus trabalhos como produções deles mesmos, e não apenas como subterfúgio para obtenção de nota.

10. CONCLUSÃO

A Base Nacional Comum Curricular (2018) postula que a educação tem como objetivo final formar cidadãos éticos e autônomos, e que possuam pensamento crítico.

“O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza“. (BNCC, pág. 58)

Por essa razão, o Projeto Pequenas Vitórias não teve como objetivo apenas ensinar conteúdos programáticos escolares, mas também mostrar que é comum da vida as perdas e vitórias. Assim, é necessário conceber a sala de aula como um rico espaço de relações entre alunos e professores.

Por causa do trimestre anterior que os alunos já estavam acostumados com o formato projeto e a forma de trabalho do professor, essa foi a forma que pensamos para transformar

uma situação complicada que ocorreu na escola, em algo produtivo que fizesse eles refletirem sobre seus atos de alguma maneira.

Levando em conta todas as alterações físicas e emocionais na adolescência, percebeu-se a necessidade de criar esse projeto didático que fosse além das quatro paredes da sala de aula, pois muitas vezes, os estudantes não conseguem conter ou canalizar sua energia e iniciam-se confrontos com professores e até com colegas.

A instituição escolar pode ser considerada o espaço fundamental para que os alunos desenvolvam a capacidade intelectual e emocional e aprender a lidar com elas. Na teoria de Henri Wallon, encontramos embasamentos que nos afirmam sobre a importância da afetividade. E como essa afetividade é significativa para o crescimento acadêmico e emocional dos alunos. Para ele, a afetividade e a inteligência não podem ser afastadas, visto que se complementam.

Vygotsky (1991, p. 101) vai dizer também que a sala de aula é um lugar repleto de oportunidades para que os alunos construam ações em conjunto com outros indivíduos, o que também era parte do objetivo final do nosso projeto. Devido a desentendimentos anteriores entre as turmas de 8º ano, as ações coletivas entre os alunos e as atividades e conjunto das duas turmas foram de suma importância para que pudéssemos trabalhar os pontos do Projeto, que seriam: cumplicidade, amizade, resolução de conflitos, entre outros propósitos.

Entender a sala de aula como um espaço de convivências e relações heterogêneas em ideias, crenças e valores foi fundamental para que o projeto fosse bem sucedido. À vista disso, devemos estar atentos e abertos a perceber essas relações e tentar mediá-las para que os alunos sintam-se confortáveis para externar seus pontos de vistas, mesmo que esses sejam opostos à visão apresentada; sempre de forma educada e que não invada o espaço do outro.

O Projeto Pequenas Vitórias foi um marco em minha experiência acadêmica e início de vida docente. Um projeto que me trouxe um entendimento sobre o universo da docência. Acredito que sua relevância está na aproximação entre os alunos e os conteúdos de forma que eles construíram suas próprias definições dos conceitos estudados e em conjunto construíram um modo mais desenvolvido e seguro de estar na linguagem, por meio de suas próprias experiências com o gênero. O PPV além de permitir a conexão dos alunos com o conteúdo, também permitiu a sua prática, e nessa prática eles compreenderam melhor todas as dimensões o gênero estudado mobiliza.

Para além de permitir tudo isso, o PPV possibilitou a criação laços de afinidade e respeito entre professor e alunos, laço esse que se estendeu para fora das quatro paredes da sala de aula e também do convívio escolar.

Um projeto que foi construído olhando para a turma e seus diferentes nichos, fazendo o possível para que toda a turma participasse ativamente das atividades. Respeitando suas ideias, seus momentos, suas frustrações, suas vontades de expressar seus posicionamentos. Sempre com muito respeito por cada história vivida e por cada ideia exposta.

Para finalizar, este trabalho conta todo o itinerário vivido pelos estagiários e acompanha as principais tomadas de decisão acerca de seu desenvolvimento, ao longo de sua realização. O trabalho foi acompanhado de reflexão atenta por parte do grupo de licenciandos e do professor regente, buscando embasamento teórico e objetivos específicos para cada atividade e criando maneiras novas e contextualizadas de ensinar, de forma mais dinâmica e próxima à realidade dos discentes, às suas necessidades e potencialidades de aprendizagem.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDT, H. *Entre o Passado e o Futuro*. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1972/2001.
- BENJAMIN, W. “O Narrador” in: *Magia e Técnica Arte e política*. (Obras escolhidas v.1). Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 1. ed. Brasiliense, 1985, 197-221.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. ... contemporâneas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- _____. *Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa: 1º e 2º ciclos*. Brasília: SEF, 1997.
- _____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: 5ª a 8ª. Série*. Brasília: SEF, 1998.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GERALDI, J.W. *Portos de passagem*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____. *Da redação à produção de textos*. In: GERALDI, J.W.; CITELLI, B. (orgs.) *Aprender e ensinar com textos de alunos*. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 1997, p.17- 24.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar*. Brasil. 2016.
- LUFT, Celso Pedro. *Língua e Liberdade: por uma nova concepção da língua materna*. São Paulo: Ática. 6ª edição, 1985.
- OSÓRIO, Paulo; LEURQUIN, Eulália; COELHO, Maria da Conceição (Orgs.). *Lugar da Gramática na Aula de Português*. – Coleção AILP. Vol. 1. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018.
- PIAGET, J. *Psicologia e Pedagogia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, Campinas, SP. 1996.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa: Estampa, 1975.

_____. *Do acto ao pensamento*. Lisboa: Moraes Editores. 1978.

12. LISTA DE ANEXOS

2 VESTIDO DE FOGO – Nelson Rodrigues > Manchete Esportiva, 15/02/1958

Eis que o meu personagem da semana é, desta feita, um Taylor. “Mas que Taylor?”, há de perguntar o leitor, numa irremediável perplexidade. E, de fato, não há, em todo o futebol brasileiro, um único e escasso Taylor. Mas eu vos digo: — o meu atual personagem da semana não é daqui e, se não me falha a memória, jamais atuou em campo brasileiro. Acrescento: — é inglês e acaba de morrer, à sombra de grandes labaredas. Estava na delegação do Manchester, que voltava para a pátria. Frustrado no seu vôo, o avião varreu um ou dois telhados, explodindo. Isso em Munique e, logo, em todo o mundo, as manchetes incorreram no mesmo lugar-comum: — “De luto o futebol inglês!”, “Tito telegrafou para a rainha”, “A rainha telegrafou para não sei quem” e entre as vítimas estava o meu personagem: — o Taylor morto.

Eis a verdade: — a morte parece conferir um especialíssimo manto aos seus eleitos. Não há morto sem importância. Dir-se-ia que, ao morrer, qualquer cidadão põe um ar de rei Lear. Eu disse “rei” e insisto: — rei. E o que aconteceu com Taylor, ao cair o avião, oi que adquiriu, imediatamente, uma nova dimensão. Mas vejam: — ele já é eterno e nós ainda somos mortais.

Taylor! Pergunto a mim mesmo se, por acaso, não teria vindo, aqui, algum dia, num desses clubes ingleses que nos visitaram. Consulto um companheiro que me informa: — “Nunca jogou aqui”. E é pena. Agora que morreu gostaríamos de o ter visto, correndo, molhando a camisa, fazendo o metódico, o construído, o despojado futebol inglês. Futebol que se caracteriza por uma implacável honestidade.

Ele morreu e ninguém o viu. Ou por outra: — só o viram os poucos brasileiros que estiveram em Wembley, naquele funesto Brasil x Inglaterra*. Taylor jogou pelos britânicos e, por duas vezes, arrombou as redes brasileiras. Em suma: — ele colaborou para uma das mais duras humilhações do nosso futebol. Não tanto o escore de 4 x 2, mas as características da derrota é que ainda hoje nos envergonham. Realmente, diante dos ingleses caímos em inibições convulsivas. O que se viu foi um pobre Brasil, sem um único lampejo. Mas o tempo passa e eis que Taylor morre. E nós que não o vimos, que não o aplaudimos, nem o vaiamos, sentimos que Taylor deixou de ser um estranho. Sim, a morte deu-lhe a fisionomia exata, a face fidedigna, o ríctus certo. O verdadeiro rosto é o último. O homem da rua, que o ignorava,

cochicha para os conhecidos: — “O Taylor morreu!”. Entre nós e os mortos cessam os limites de polidez, de cerimônia e de suspeita que separam os vivos uns dos outros.

E há uma circunstância que parece distingui-lo de todos os outros mortos e de todos os outros vivos: — ele marcou, como já referi, dois gols contra nós em Wembley. Naquela ocasião, confesso que estrebuchei, de raiva cívica. Se fosse um, mas dois, logo dois! Ora, nada se compara ao ódio que, de momento, açula o torcedor sempre que o adversário põe um gol como um ovo. A fúria rompe, sobe das nossas profundezas como uma golfada atroz. Assim eu odiei Taylor quando perdemos em Wembley. Digo “eu” e acrescento: — o resto do Brasil. Cerca de dois anos depois, cai um avião, Taylor morre e há, em nós, uma transformação.

Os mesmos dois gols, que outrora nos enfureceram, tecem entre nós e Taylor uma relação mais cordial e mais comovida. Dir-se-ia que, ao vazar o arco brasileiro, ele estava, em verdade, prestando uma homenagem ao Brasil. Sentimos quase gratidão pela derrota que ele e os companheiros nos infligiram. E ao imaginá-lo, vestido de fogo, no avião que decepou o telhado, experimentamos um pouco a nostalgia da morte. É como se só existisse entre nós e Taylor esta diferença: — ele já morreu e nós somos uns mortos frustrados. Em Wembley, era um ser em plenitude. Quem se lembraria de lhe soprar ao ouvido: — “Você vai morrer, Taylor!”? Os que vão morrer cedo deviam ter uma marca, um distintivo, um estigma material. Mas como não há esse estigma, a morte de Taylor cobriu o mundo de espanto.

4 O BOTAFOGUENSE – Nelson Rodrigues > Crônica publica após um jogo Botafogo x Vasco em 1956 > <http://blogdorobertoporto.blogspot.com/2009/02/o-botafoguense-por-nelson-rodrigues.html>

Todos os torcedores de futebol se parecem entre si como soldadinhos de chumbo. Têm o mesmo comportamento e xingam, com a mesma exuberância e os mesmos nomes feios, o juiz, os bandeirinhas, os adversários e os jogadores do próprio time. Há, porém, um torcedor, entre tantos, entre todos, que não se parece com ninguém e que apresenta uma forte, crespa e irresistível personalidade. Ponham uma barba postiça num torcedor do Botafogo, dêem-lhe óculos escuros, raspem-lhe as impressões digitais e, ainda assim, ele será inconfundível. Por quê?

Pelo seguinte: - há, no alvinegro, a emanção específica de um pessimismo imortal. Pergunto eu: - por que vamos ao campo de futebol? Porque esperamos a vitória. Esse

otimismo é o impulso interior que nos leva a comprar ingresso e vibrar os 90 minutos. E, no campo, o otimismo continua a crepitar furiosamente. Não importa que o nosso time esteja perdendo de 15 a 0. Até o penúltimo segundo, nós ainda esperamos a virada, ainda esperamos a reação.

Pois bem: - o torcedor do Botafogo é o único que, em vez de esperar a vitória, espera precisamente a derrota. Os outros comparecem na esperança de saborear como um chicabom o triunfo do seu clube. Mas o torcedor do Botafogo é diferente: - ele compra o seu ingresso como quem adquire o direito, que lhe parece sagrado e inalienável, de sofrer. Eis a verdade: - ele não vai a campo ver futebol.

O futebol é um detalhe secundário e, mesmo, desprezível. Ele quer, acima de tudo, desgrenhar-se, esganiçar-se, enfurecer-se e rugir contra Zezé Moreira. No dia em que retirarem do torcedor alvinegro o inefável direito de sofrer e, sobretudo, o direito ainda mais inefável de descompor o seu técnico, ele ficará inconsolável, como um ser que perde, subitamente, a sua função e o seu destino.

Tudo na vida é uma questão de hábito. E o cidadão que padece todos os dias acaba se afeiçoando ao próprio martírio ou mais do que isso: - o martírio torna-se insubstituível como um vício funesto. É o caso da torcida alvinegra que, desde 1910, sofre e, ao mesmo tempo, xinga Zezé Moreira. Conclusão: - já não pode viver sem uma coisa e outra.

Por exemplo: - o clássico de ontem, no Maracanã, foi o que se chama de jogo ideal para o torcedor do Botafogo. Já durante a semana, ele vivera mergulhado no pessimismo como um peixinho no seu aquário. E, ontem, finalmente chegou o grande dia: - a torcida alvinegra sofreu como nunca e rugiu, como nunca, contra Zezé Moreira. De fato, o Vasco exerceu um feroz, um maciço domínio de 80 minutos.

E mais: - o Vasco deu show, jogou bonito, brilhou escandalosamente como um Sol. No intervalo do primeiro para o segundo tempo, encontro um amigo botafoguense. Exultante com o próprio sofrimento e com o próprio furor, ele veio, para mim, de braços abertos. Do lábio, pendia-lhe a saliva pesada e elástica de uma cólera sagrada. Agarra-me e rosna-me, ao ouvido: - Esse Zezé Moreira é um tarado! E repetia, atirando patadas ao chão: - Tarado.

A princípio, pensei num crime sexual ainda impune, praticado nalgum terreno baldio. Pálido, quero saber por que tarado. Então, o amigo explica-me: - porque pusera o Bauer no

lugar de Pampolini! E essa substituição parecia, ao meu conhecido, o sintoma inconfundível de uma tara tenebrosa. O diabo é que todo o esforço e todo o brilho do Vasco não renderam mais que um franciscano empate de 0 a 0. Acresce que, nos 10 minutos finais, o Alvinegro reage dramaticamente e quase ganha o jogo.

(*) Crônica publicada após um jogo de 1956 entre Botafogo x Vasco(**)

5 SEU TRANCA RUA, ZAGUEIRO DA SELEÇÃO > Luiz Antônio Simas >
<http://www.pedromigao.com.br/ourdetolo/2009/11/seu-tranca-rua-o-zagueiro-a-prova-do-milagre/>

Minha família é, quase toda, chegada numa curimba. O que tem de macumbeiro não está no gibi. Fui criado pela minha avó, mãe de santo de um terreiro no Jardim Nova Era, em Nova Iguaçu, onde o couro comia quase todo sábado - com muita festa de encantaria e toque pros orixás.

Disse que quase toda família era do babado mas, em nome da verdade, preciso destacar que minha tia-avó, Dona Lita, era exceção. Católica fervorosa - de rezar o terço e assistir na sessão da tarde de todo dia 13 de maio um filme velho pra burro sobre o milagre de Fátima - queria porque queria que todas as crianças fizessem primeira comunhão e crisma.

(...)

A minha tia Lita era o clássico exemplo de beata.

(...)

Qual não foi, portanto, minha surpresa com uma cena ocorrida durante a Copa do Mundo de 1978, envolvendo essa minha tia. Aos fatos.

Jogavam Brasil e Espanha. Jogo duro, o gramado mais parecendo um pasto, meu avô desfilando um repertório de palavrões contra o Coutinho – técnico do escrete –, quantidades industriais de cerveja, caldinho de feijão e, para quebrar o clima profaníssimo, tia Lita rezando o terço, pedindo aos céus pelo sucesso canarinho.

Segundo tempo, zero a zero nervoso, o Brasil sendo vergonhosamente pressionado, quando uma bola é alçada na nossa área. O Leão sai do gol catando borboletas e a bola sobra, cristalina, nos pés do centroavante adversário.

O espanhol se prepara para o arremate, num lance inapelável, com o goleiro batido. Subitamente, como num milagre, surge o Amaral, nosso zagueiro, que, postado debaixo do travessão, salva a nossa cidadela.

Meu avô ameaça infartar. Meu irmão faz, literalmente, cocô nas calças. O Manoelzinho Mota, aos prantos, repete - não entrou, não entrou. Minha vó faz breve comentário: Esse até eu faria. E minha tia, a beata, joga o terço pro alto e grita :

- Foi ele! Foi ele! Obrigado. Obrigado.

Eu, ainda sob efeito do lance, fiz a pergunta:

- Ele quem, tia Lita, Jesus Cristo?

- Que Jesus Cristo, menino. E Jesus Cristo quer lá saber de jogo? (...)

- Quem foi então?

- O Exu Tranca Rua, é claro!

Meu avô quase infartou de novo:

- Foi quem, Lita?

- Seu Tranca Rua. Eu vi Seu Tranca Rua do lado da trave, protegendo o gol do Brasil.

Eu vi!

E, dizendo isso, a velha começou a cantar, acompanhada, sem sacanagem, por todo mundo:

Seu Tranca Rua é homem

Promete pra não faltar

Catorze carros de lenha

Pra cozinhar gambá

A lenha já se acabou

E a gambá

Tá pra cozinhar

Senhoras e senhores, não estou mentindo, que eu não vou brincar com Seu Tranca nem a pau. A minha velha tia, beatíssima, afirmou de fato, com convicção, que Exu Tranca Rua tinha defendido a seleção brasileira.

Meu avô, impressionadíssimo, repetia :

- É coisa séria. É coisa séria. Traz um copo de cachaça pra botar do lado da televisão.

O Manoelzinho Mota, devoto do Homem da Rua, afirmava com absoluta certeza que Seu Tranca tinha baixado no Amaral, o zagueirão.

O fato é que o Brasil, com um zagueiro desse porte, não levou gol naquele jogo.

No dia seguinte, minha tia voltou a rezar o terço, me chamou num canto e disse a mesma lenga-lenga de sempre:

- Você tem que aprender a rezar, menino. Não vai atrás dessa família, não, que macumba não dá camisa a ninguém. Só existe uma verdade, Jesus Cristo.

Sem entender patavinas, perguntei pra velha:

- Mas tia, e Seu Tranca Rua?

E ela, de bate-pronto, na base do esporro:

- Lava essa boca, menino, que isso não existe! Fica andando com macumbeiro e dana de falar besteira.

6 A MAIOR EPOPÉIA DA HISTÓRIA – Luiz Antônio Simas >

<http://www.pedromigao.com.br/ourdetolo/2010/10/a-maior-epopeia-da-historia/>

Certa feita um aluno me perguntou sobre qual teria sido a maior epopéia da história humana. Dentre as aventuras cotadas, temos a expansão do Império de Alexandre Magno, a marcha da Coluna Prestes, a construção das pirâmides do Egito, as grandes navegações, as aventuras de Gengis Khan, as guerras de Napoleão, a chegada do homem à lua, a construção da muralha da China e outros babados. Pensei um pouco em todos esses fatos e emiti minha opinião:

- A maior aventura de todos os tempos foi uma excursão que o time de futebol do Santa Cruz de Recife fez aos confins da Amazônia, em 1943.

A épica excursão do Santa já se iniciou com um detalhe impressionante: a viagem começou na escuridão da noite, já que a Segunda Guerra Mundial pegava fogo e submarinos nazistas rondavam a costa brasileira afundando navios. A embarcação que levava a equipe tinha que navegar às escuras e com escolta da Marinha de Guerra.

Depois de alguns jogos em Belém, com vitória sobre a Tuna Luso, empate com o Paysandu e derrota para o Remo, o elenco seguiu viagem em direção a Manaus, de carona em um navio-gaiola que subia o Rio Amazonas, rebocando um batelão que levava alimentos ao Acre. O trajeto até Manaus durou simplesmente quinze dias, com direito a três dias em que a embarcação não pode seguir por um motivo muito simples: índios armados de bordunas, tacapes e zarabatanas sequestraram o elenco para pegar os alimentos.

Resolvido o entrevero com os índios, a equipe finalmente chegou à capital do Amazonas. Depois de uma derrota para o Olímpico [3x2] e uma vitória sobre o Nacional [6x1], o chefe da delegação, Aristófanés de Andrade, e seis jogadores foram atacados por uma infecção intestinal acompanhada de um piriri digno da pororoca. Ainda assim, e com a presença de alguns heróis que literalmente se borravam em campo, o Santa se despediu de Manaus enfiando 3 a 1 no Rio Negro.

Durante a descida do Rio Amazonas, o goleiro King e o centroavante Papeira pioraram da disenteria e receberam o diagnóstico de febre tifóide. De volta a Belém, e mesmo com a doença passando o rodo no grupo, o time derrotou o Remo [4x2]. O goleiro King morreu quarenta e oito horas depois do jogo e foi enterrado por lá mesmo. Três dias depois da morte de King, Papeira também cantou pra subir.

Sem ter como voltar a Pernambuco, a delegação ainda ficou vinte e tantos dias perdida no Pará. O saldo era brabo: dois defuntos e outros tantos com a febre tifóide. Quando finalmente conseguiram transporte em uma embarcação para o Recife, com parada de quatro dias em São Luís, os jogadores tiveram que se contentar, sem um tostão furado, em embarcar na terceira classe, ao lado de trinta e cinco perigosos homicidas que a polícia paraense resolvera deportar para o Maranhão.

Durante os quatro dias de parada no Maranhão, para conseguir levantar algum dinheiro, o time realizou três amistosos. Com metade dos jogadores se recuperando do tifo e o goleiro titular e o centroavante mortos, até o cozinheiro e o massagista tiveram que entrar em campo para compor o elenco.

Pensam que acabou? Claro que não. Perto do Ceará, o comandante do navio recebeu a notícia de que havia submarinos alemães na área. O navio retornou ao Maranhão e os jogadores resolveram voltar a Pernambuco por terra. Pegaram carona em um trem de carga até Teresina (onde o time jogou mais amistosos em troca de comida e um jogador foi esfaqueado após uma confusão na zona do meretrício local) e de lá conseguiram embarcar em um ônibus até Fortaleza. Do Ceará, finalmente, deram um jeito de voltar a Pernambuco.

O furdunço todo durou exatos três meses, com vinte e oito partidas disputadas e a constatação de que, entre mortos e feridos, não se salvaram todos.

Que me desculpem Alexandre, Gengis Khan, Napoleão, Cristovão Colombo e outros mais. Perto da epopeia do Santa Cruz na Amazônia, seus grandes feitos guardam a mesma dramaticidade de um piquenique na Ilha de Paquetá, com direito a passeio de pedalinho nas águas da Guanabara.

7 CARTA PARA EU MESMA QUANDO JOVEM – Marta >
<https://www.theplayerstribune.com/en-us/articles/marta-letter-to-my-younger-self-portuguese>

Querida Marta de 14 anos de idade,

Entre no ônibus.

Eu sei o que você está pensando. Eu sei o que você está sentido.

Não pense nisso... No quanto você está assustada... No quanto você está nervosa... No quanto todo mundo disse que você não podia fazer isso... Que você *não deveria* fazer isso...

Não pense em nada disso...

Apenas entre no ônibus...

Este ônibus, se você acreditar, se você puder acreditar, que vai te levar numa viagem de três dias para o Rio de Janeiro.

Este ônibus deixará para trás a sua família e os 11 mil habitantes de Dois Riachos. Este ônibus deixará estradas de terra para as paisagens verdes e montanhas para a cidade.

Este ônibus... te levará para realizar o teu sonho, o sonho de se tornar uma jogadora de futebol profissional.

E te levará para muito mais.

Vai te levar para os campeonatos europeus, Copas do Mundo, Jogos Olímpicos, prêmios de melhor jogadora do mundo (e isto ainda nem existe na tua época).

Vai te levar para estádios onde você jogará diante de dezenas de milhares de pessoas.

Vai te levar para lugares onde os uniformes e as chuteiras são feitas especificamente para você.

Vai te levar para o mundo inteiro, e a sua chegada significará alguma coisa. Você será parte da construção do jogo de futebol nos Estados Unidos. Uma parte de um novo clube em Orlando.

Uma parte de fazer com que o jogo seja viável para as garotas, de um jeito que não esteve viável para você.

Eu sei, por agora você não consegue enxergar nada disso. E parece uma decisão difícil, a de entrar no ônibus. Você nem mesmo tem certeza do que vai te acontecer quando chegar lá. Mas acredite em mim quando eu digo que, depois de tudo o que você já passou até aqui, você pode fazer isso.

Você já lutou, Marta. Você é mais forte do que imagina.

Crescendo numa cidade pequena como Dois Riachos, você se impôs. Mas não pelo seu talento. Não, você recebeu olhares estranhos e comentários maldosos todos os dias simplesmente porque você era uma garota. Uma garota que amava futebol.

Não havia outras garotas jogando futebol.

... E as pessoas faziam questão de deixar isso claro para você.

“Ela não é normal”.

“É estranho para uma garota jogar futebol”

“Por que vocês a deixam fazer isso?”

E você sentia que a Mãe não estava lá por você. E, de certo modo, ela não estava mesmo. Depois que o pai a deixou quando você ainda era um bebê, ela teve de tomar conta de quatro crianças. Ela acordava às 5 da manhã para trabalhar na agricultura, voltando para casa tarde da noite. E sempre que chovia, ela seguia para a sede da Prefeitura, onde ela fazia serviço de limpeza e servia café. Então, você nunca a via com tanta frequência. Ela nunca teve a chance de ir aos jogos ou assistir a você jogar.

Mas ela *está* lá por você. Porque todas as vezes – todas as vezes – que alguém na cidade chegava para conversa, ela sempre, *sempre*, dizia a mesma coisa:

“Deixa ela”

O negócio é o seguinte, aos olhos da Mãe, ela sentia que não estava lá, também. Ela não estava lá para te mostrar como agir de forma diferente. Para mostrar para você.... “como ser uma garota”. Então, tudo o que você sabe é assistir futebol pela TV e sonhar em um dia jogar profissionalmente. Tudo o que você sabe é crescer e jogar com os meninos da sua cidade.

Mas, somente quando eles deixam isso acontecer.

Porque eles sempre tinham aquele plano estúpido. Você pode jogar, eles diziam, mas só com o time formado por jogadores do bairro que não eram tão bons.

Não que isso importasse.

“Eu jogarei com quem quer que seja”

E isso não importava. Porque mesmo quando você jogava com os meninos que não tinham habilidade com a bola nos pés, o seu time *ainda* vencia. Você dribla rápido, você joga num curto espaço de tempo e pensa rápido.

E você mostra para eles. Todas. As. Vezes.

Você mostra para eles: você é uma garota, e você *pode* jogar futebol.

Mas os comentários, os julgamentos, as piadas – tudo aquilo não vai parar. Mesmo quando você estiver no time local da cidade. Você sabe que isso não é o bastante para fazer a mudança. Aqueles momentos – enquanto os garotos estão num vestiário e você está sozinha, num banheiro pequeno logo ao lado, tentando colocar sua camisa de futebol tamanho grande e calções de menino que vão para baixo dos seus joelhos – são solitários.

Por um tempo, futebol será solitário.

Você se lembra daquele torneio de algumas semanas atrás? Quando o seu time de Dois Riachos jogou na cidade de Santana do Ipanema pela liga local? Você tinha jogado nesse torneio antes, você até foi reconhecida pela sua habilidade como uma das principais jogadoras.

Mas isso não contou.

Porque neste ano, um outro técnico de um outro time disse que, se eles tivessem de jogar contra você, ele vai tirar o time dele do torneio.

“Este não é um lugar para meninas”, ele disse.

Eu gostaria de dizer que os organizadores do torneio ou o seu time ficaram do seu lado. Mas nós sabemos que não foi bem assim que as coisas aconteceram. As coisas não eram assim. Então, você foi sacada do torneio. Claro que sim. É mais fácil desse jeito, eles vão te dizer.

Tirem a garota.

Então os meninos podem jogar.

Você ainda se lembra das lágrimas brotando dos seus olhos?

Eu sei que não faz sentido agora. Eu sei que é uma pergunta que você faz para si mesma todos os dias.

Por que é que Deus me deu esse talento, se ninguém quer que eu jogue?

Mas use isso. Use isso para te dar força e para te motivar.

Use isso para lutar, Marta. Lute para provar que todo mundo está errado – todo mundo que pensa que não há lugar para garotas no campo de futebol.

Lute contra o preconceito. Lute contra a falta de apoio. Lute contra tudo isso – os meninos, as pessoas que dizem que você não pode.

Lute.

Lute para ser aceita.

(...) Lembre-se de quão sozinha você se sente agora e ouça quando eu te digo o seguinte: no mundo inteiro, existem meninas que se sentem do mesmo jeito. Meninas que recebem olhares, meninas que são questionadas sobre estar ali, meninas que são expulsas de campeonatos e que recebem apelidos nada elogiosos.

Mas essa solidão não vai durar. E não vai demorar muito para que vocês estejam todas jogando juntas.

Eu sei que agora, aos 14 anos de idade, tudo o que você quer é sair de Dois Riachos. Então isso vai soar como maluquice, mas um dos melhores momentos de sua carreira vai acontecer aí. Você vai correr o mundo, mas será em Dois Riachos que isso vai te impactar.

Você voltará para casa. Será em 2006 e você terá conquistado o prêmio de melhor jogadora do mundo pela Fifa pela primeira vez. (Isso mesmo, será apenas a primeira vez). Haverá uma multidão de pessoas esperando por você. Todo mundo quer ver a heroína da cidade que está de volta. Eles até mesmo vão carregar você no carro do Corpo de Bombeiros.

Você não será mais rejeitada. As mesmas pessoas que diziam que você era estranha, que você não podia jogar – que você não devia jogar – estarão te aplaudindo enquanto você passa.

Você é uma mulher. E você é uma jogadora de futebol.

Eu sei que tudo isso parece muito distante agora, de pé na estrada olhando para o ônibus. Mas está tudo ali. E o primeiro passo está a mais 2000km de distância.

Acredite em você mesma. Acredite nos teus instintos. E você vai descobrir por que Deus te deu este talento.

Você não vai mais perguntar por quê. E as outras pessoas também não vão perguntar.

Entre no ônibus.

— Marta

9 UM MONSTRO EM SUMMONER'S RIFT > LEONARDO AZEVEDO

A temporada chegou ao fim e a sensação vigente é de estranheza. Ela foi — sem sombra de dúvidas — uma reviravolta, o cumprimento da profecia proclamada pelos últimos campeonatos regionais do ano passado e pelo Mundial. Sete anos talvez não tenha sido tempo suficiente para percebermos o óbvio: também no competitivo de LeagueofLegends como em qualquer esporte praticado neste planeta, velhos craques precisam cair para que novos ascendam. Boquiabertos, acompanhamos as mudanças. Na liga chinesa, vimos o surgimento de uma supernova chamada Uzi¹² cegando seus adversários e amedrontando quem ousasse dar uma espiada; da liga coreana concluímos que, se lendas nunca morrem, ao menos elas *tiltam* e vão parar no final da tabela.

Pretendo tratar, porém, de outra liga. Passado o momento de cair a ficha, entro no verdadeiro assunto. Nenhuma das novidades foi tão chocante a todos quanto a notícia mais discutida dos fóruns de League no primeiro de abril, ou *April'sFools* para os anglófonos. Parecia ser uma piada de muito mal gosto quando lemos que o irmão de um dos jogadores mais famosos da liga norte-americana fora encontrado no meio da rua empunhando uma faca ensanguentada, a mesma com a qual assassinara sua mãe e deixara o pai severamente ferido. Tudo aparenta ser ainda mais uma brincadeira do destino por ter acontecido uma semana antes de Doublelift disputar a final como atirador¹³ da *Team Liquid*¹⁴, que vinha arrasadora nos *play-offs*.

Uma nota de poucas linhas no Twitter foi tudo que Doublelift conseguiu escrever, e soubemos por seu chefe que ele daria as caras na grande final. E eis que a fatalidade nos uniu. Desde a multidão vibrante no estádio em Miami até os que assistiam a melhor de cinco sentados nas suas *DXRacers*¹⁵, todos esperavam identificar o estado de espírito de Doublelift mais que apreciar sua atuação nos jogos, torcendo para ambos serem os melhores possíveis. E eu, que nunca fui fã do comportamento semi-tóxico¹⁶ do atirador, de como ele ressalta em cada entrevista, com vocabulário requintado e ofensivo, os maiores defeitos de todos os seus

¹²Uzi é o atirador do time da Royal NeverGiveUp.

¹³ O atirador é uma das cinco funções dentro de um time em League.

¹⁴ Team Liquid é uma organização mundial no ramo de esportes profissionais. Possui um time na *LeagueofLegendsChampionship Series* norte-americana (NALCS). São os atuais campeões, tendo na sua line-up os jogadores Impact, Xmithie, Pobelter, Doublelift e Olleh.

¹⁵ Marca de cadeiras gamers.

¹⁶ Comportamento tóxico é quando o jogador ofende outros e torna a experiência de jogar desagradável para eles.

colegas de competição, que direi de ser arrastado a esse sentimento tão sublime de compaixão coletiva? Penso nas publicações pipocando durante os anos: “Doublelift tem sido frequentemente tóxico”, “Quando a Riot¹⁷ irá puni-lo como faz na solo-queue¹⁸?”, “O quão tóxico era Doublelift quando a CLG ganhou em 2015?” e me pergunto se não fui severo demais no julgamento que fiz do jogador.

Explico: dizer crueldades sobre o trabalho de outrem, ainda que suas opiniões sejam de fato muito precisas, é um comportamento baixo. No entanto, se o intuito é fazer críticas construtivas usando de palavras maldosas para chocar com seu discurso, então estamos falando de um comportamento imaturo. Amigos, não são poucos os jogadores profissionais de LeagueofLegends imaturos. E, se é verdade que as pessoas mais críticas são também as mais auto-críticas, temos em Doublelift um exemplo imune de qualquer dúvida.

Pois bem. Ao entrar no palco onde ocorreria a melhor de cinco ao lado de seus companheiros de equipe, Doublelift tinha o direito de sentir-se em casa. Ele sorria e nós queríamos sorrir com ele. Era como se todos escutássemos a voz do Jukes ressoando dentro de nossos cérebros, dizendo: — *Tá mec, tá mec*¹⁹. Faltava era provar que nada influenciaria no seu jogo. Quando a primeira partida acabou e a *Team Liquid* saiu com 1 x 0, já não faltava mais. Apesar de nenhum dos três jogos que foram precisos para a TL levar o prêmio terem sido realmente empolgantes, a equipe demonstrou grande tranquilidade e confiança, revertendo as situações desfavoráveis e capitalizando em cima dos erros inimigos.

Naquela vitoriosa noite, é verdade que Doublelift se manteve surpreendentemente contido. Não era mais o Doublelift que se jogava na frente da composição, sedento por um *pentakill*²⁰, pelos holofotes. O mais próximo disso ocorreu nos minutos finais da terceira e última partida, quando gastou o *flash*²¹ do seu Jhin²² para matar o *toplaner*²³ do time adversário. Foi só para nos fazer lembrar quem ele era e arrancar mais sorrisos. Ninguém o escolheu como melhor jogador em nenhuma das partidas, mas se alguém dissesse que ele não

¹⁷ Riot é a empresa que criou e detém os direitos de tudo relacionado a League.

¹⁸ Solo-queue é uma das filas ranqueadas do jogo.

¹⁹ “*Tá mec*” é uma gíria carioca que quer dizer “*não há problema*”, “*tudo bem*”. É um dos bordões usados pelo streamer Jukes.

²⁰ Um pentakill é uma sequência de cinco abates. É quando um jogador elimina todos os cinco integrantes do time inimigo em um curto período de tempo.

²¹ O *flash* é um dos feitiços do jogo instantaneamente ativável que teleporta seu avatar a uma distância curta.

²² O Jhin é um dos avatares que estão em League.

²³ O toplaner também é uma das cinco funções do jogo.

cumpriu seu papel com louvor, estaria sendo o pior dos mentirosos. Em contraste com a noite de horrorosa perda uma semana antes, aquela rendeu apenas ganhos.

Considero que ele viveu o luto enquanto fazia o que mais gostava e o compartilhou conosco. Não sei vocês, mas sou extremamente grato. Sempre soubemos que Doublelift é um monstro em *Summoner's Rift*, o espantoso é descobrir quão forte ele é para enfrentar os monstros fora de League of Legends. Gostem dele ou não — admitam! — isto é admirável.

10 O CÃO QUE DRIBOU GARRINCHA – Gabo Vieira > Brasil 3 x 1 Inglaterra, Viñadel Mar , 1962 >

<https://www.facebook.com/CopadoMundo150Dias/posts/136466947071655/>

A Copa do Mundo nunca teve tanta cara de Libertadores. A edição de 1962, disputada no Chile, foi permeada por problemas de infraestrutura, craques, tramoias, gols, pancadaria e torcedores inflamados. A cereja do bolo desse torneio tão “sudaca” não podia ser outra: um cachorro invadindo o gramado.

Corria a partida entre Brasil e Inglaterra, válida pelas quartas de final. Em estado de graça, Garrincha bailava pelo campo, desesperando os britânicos e encantando os chilenos. O camisa 7 marcaria duas vezes na vitória por 3 a 1, em uma das maiores atuações individuais já vistas em um Mundial. O Anjo das Pernas Tortas, porém, não seria a única alegria do povo naquela tarde.

Com a categoria que lhe era peculiar, Djalma Santos driblou um inglês e lançou a bola para Zito. O Gerente dava sequência ao ataque quando se viu perseguido por um “marcador” inusitado: saltitando pela grama verde, divertindo-se em meio às pernas apressadas, um simpático cãozinho preto. A princípio, os humanos ignoraram o intruso e seguiram seu jogo de bola. No entanto, como o bicho teimava em permanecer em campo, o árbitro francês Pierre Schwinte se viu obrigado a interromper a partida.

O “quiltro”, como são conhecidos os numerosos cães de rua do Chile, fez que não era com ele, agora caminhando tranquilo em direção à área inglesa. O goleiro Ron Springett arriscou uma aproximação tímida, mas o invasor tratou de correr para longe. Surgiam as primeiras gargalhadas.

Vavá adotou uma estratégia diplomática, apontando o caminho da saída com os braços, torcendo para que o “perrito” compreendesse seu portunhol. Vendo que as súplicas do

companheiro eram solenemente ignoradas, Garrincha resolveu partir para o mano a mano. O craque pôs-se à frente do cachorro, tentou alcançá-lo com o braço direito e levou um drible de corpo que arrancou aplausos dos 18 mil espectadores no Sausalito. A expressão “provar do próprio veneno” nunca fora tão bem empregada.

Enquanto o juiz observava a cena sem mover um dedo, o novo herói de Viñadel Mar prosseguia seu glorioso passeio. Até que um homem lhe atraiu a atenção. Jimmy Greaves, craque do Tottenham, maior artilheiro da história do futebol inglês, pôs-se de quatro no gramado. Curioso, o animal deteve-se para fitá-lo.

Chegara a hora do tudo ou nada. O clima era de suspense enquanto o atacante lentamente engatinhava em direção ao cão hipnotizado. De repente, o bote certo. Em um rápido movimento com a mão esquerda, Greaves agarrou o invasor pelo pescoço, imobilizando-o. A torcida foi ao delírio com o dramático desfecho do imbróglio, mas não pense que o bicho se deu por vencido. No instante em que era entregue às autoridades, ele encontrou tempo de urinar na camisa de seu algoz. Como os jogadores não possuíam uniformes reservas, o inglês passou o resto da partida exalando um cheirinho desagradável.

A fantástica exibição na Copa do Mundo gerou uma reviravolta na vida do cachorro. Cativado pelo bichinho driblador, Garrincha decidiu levá-lo ao Brasil ao lado da taça Jules Rimet. O novo xodó da casa que o craque dividia com Elza Soares recebeu o nome de Bi, em alusão ao bicampeonato mundial. O ato de rebeldia valera à pena.